



## IMAGENS DO FEMINISMO ONLINE: Notas sobre produção de subjetividade em páginas do Facebook

Ana Paula Freitas Margarites<sup>1</sup>  
Carla Gonçalves Rodrigues<sup>2</sup>

### Resumo

Buscamos pistas acerca de como as imagens relacionadas ao feminismo veiculadas no Facebook atuam na produção de subjetividade das mulheres no contemporâneo. Partimos dos estudos de Felix Guattari, considerando uma série de sistemas maquínicos pelos quais o sujeito se produz a partir de relações entre instâncias individuais e coletivas. A pesquisa é de inspiração cartográfica e mapeia imagens vistas em páginas feministas no Facebook, interrogando sobre quais maneiras de existir enquanto mulher emergem neste site. Consideramos que, ao invés de favorecer o aparecimento de subjetividades que desconstruam padrões cristalizados, as imagens nestes sites podem estabelecer outros padrões identitários.

**Palavras-chave:** Primeira. Segunda. Terceira.

### Introdução


A presente pesquisa discute como as variadas imagens relacionadas ao feminismo publicadas no Facebook estão engendradas nos processos de produção de subjetividade das mulheres brasileiras nesta contemporaneidade. Pensamos no feminismo a partir das reflexões de Scott (2002) a respeito da história do movimento, pois “a fim de protestar contra as várias formas de segregação que lhes eram impostas, as mulheres tinham de agir em seu próprio nome, invocando, dessa forma, a mesma diferença [sexual] que procuravam negar” (p. 18). Alinhamo-nos com Butler (2000) quando a autora afirma um entendimento da diferença sexual não apenas como uma questão de distinções materiais, sendo marcada e formada simultaneamente por práticas discursivas. Encontramos nas Filosofias da diferença, no trabalho de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik, pistas metodológicas e conceituais através das quais nos movimentamos neste estudo.

De acordo com Braidotti (2002), o ciberespaço é uma das zonas onde a disputa pelo controle sobre a imagem contemporânea é mais visível hoje. Para a autora, o feminismo vem tomando parte nesta batalha, lutando por uma re-significação positiva de suas demandas. Às lutas feministas do Século XX pelo fim da violência de gênero e pelo acesso aos direitos

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação, discente – PPGE - UFPel, anamargarites@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação, docente – PPGE - UFPel, cgrm@ufpel.edu.br





reprodutivos para todas as mulheres, a autora soma as discussões sobre classe, raça, etnia e idade que, na internet, transformam o feminismo em uma multiplicidade. A rede se configura como a tecnologia que mais transita entre os diversos âmbitos da realidade social, de forma que “nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos pode, daqui para a frente, ter a pretensão de escapar à influência invasiva da assistência por computador” (GUATTARI, 1999, p. 177).

A própria noção de um sujeito racional, único e emancipado (ou emancipável), já problematizada por Foucault (2005, 2006), é ainda mais questionada se consideramos a máquina-dependência da subjetividade. O pressuposto de um indivíduo que é origem e centro do pensamento, senhor de suas reflexões e ações, é desconstruído pela noção de uma subjetividade nunca dada, mas sim em constante processo, constituída no entrelaçamento de poderes, saberes e vozes de auto referência (GUATTARI, 1999).


### **Questões de método**

Este trabalho busca inspiração na cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011) na intenção de criar um mapa dos processos de produção de subjetividade a partir de imagens veiculadas por páginas feministas no Facebook em formato de gráficos, fotos, montagens, memes e gifs animados. Pensamos nestas imagens considerando seu contexto dinâmico e multimidiático, atravessado por uma rede que envolve a apropriação e remixagem de diferentes conteúdos, bem como seu compartilhamento instantâneo em espaços de circulação criados e mantidos por grandes corporações. De acordo com Kastrup (2007, p. 2), o método cartográfico “visa acompanhar um processo e não representar um objeto”. Para Rolnik (2006), a cartógrafa é alguém com um tipo de sensibilidade que permita perceber as co-existências entre as macro e micropolíticas, complementares e indissociáveis na produção da realidade social.

Desta forma, o primeiro procedimento realizado nesta pesquisa envolveu o encontro com páginas em língua portuguesa de conteúdo relacionado ao feminismo com alto número de seguidores no Facebook. Tratamos das seguintes páginas: “Não Me Kahlo”, criada em 2014, com 1.236.100 seguidores; “Empodere Duas Mulheres”, criada em 2015, com 1.084.887 seguidores; e “Feminismo Sem Demagogia – Original” com 1.058.896 seguidores.

Uma vez definidas as páginas, seus álbuns de Fotos da Linha do Tempo foram abertos. Procuramos olhar para estas imagens individualmente e como um todo, buscando os movimentos que vão transfigurando o feminismo nestas páginas no Facebook. A intenção é que, à maneira da cartógrafa que “não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou





estilo” (ROLNIK, 2006, p. 65), o olhar esteja atento aos agenciamentos que se fazem visíveis, servindo-se das matérias mais diversas; fontes teóricas, mas também música, filmes, programas de tv, literatura, arte, imagens publicitárias e a própria internet. “Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 2006, p. 65).

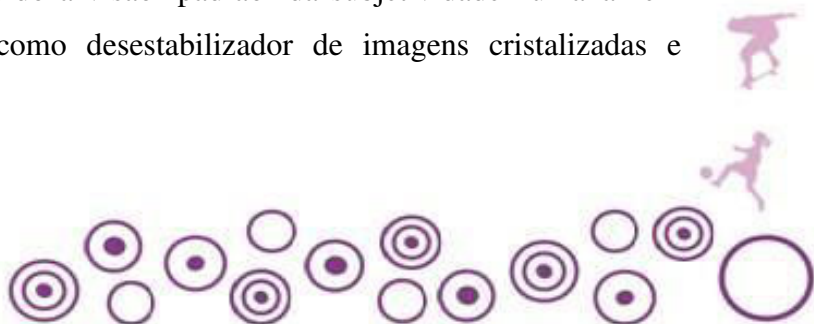
Na composição deste mapa, as imagens escolhidas nesse momento da pesquisa correspondem àquilo imediatamente perceptível num primeiro contato com o material. Falamos dos temas e dos motivos que se repetem, que estão presentes frequentemente; aí buscamos pistas sobre os processos de produção de subjetividade engendrados nas páginas aqui discutidas.

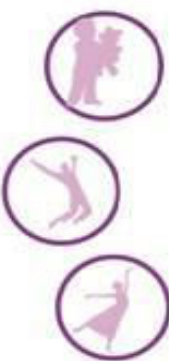
Em termos conceituais, operamos com a noção de produção de subjetividade (GUATTARI, 2006) a partir de instâncias humanas, interações institucionais, dispositivos maquínicos e universos de referência incorporais. Utilizamos ainda o conceito de imagem a partir de Deleuze (2001, 2006, 1985, 2007), que nos auxilia a pensar nos clichês e nas imagens não representativas.

### **Imagens do Feminismo no Facebook**

A noção de imagem atravessa uma grande extensão da obra de Deleuze. Em um primeiro momento, o conceito aparece compondo a ideia de uma imagem dogmática do pensamento (DELEUZE, 2001), que corresponderia a uma compreensão estanque do que seria o ato de pensar. Nesta perspectiva, trata-se, então, de um clichê; um postulado que leva o autor reivindicar, mais tarde, um pensamento sem imagem (DELEUZE, 2006), ou seja, um pensamento sem pressupostos. Partindo deste combate à representação e passando a propor imagens que valham por si mesmas, Deleuze (2009) fala em imagem pictorial a partir da obra de Francis Bacon, acrescentando as noções de imagem-tempo e imagem-movimento a partir dos seus estudos sobre o cinema moderno (DELEUZE, 1985, 2007).

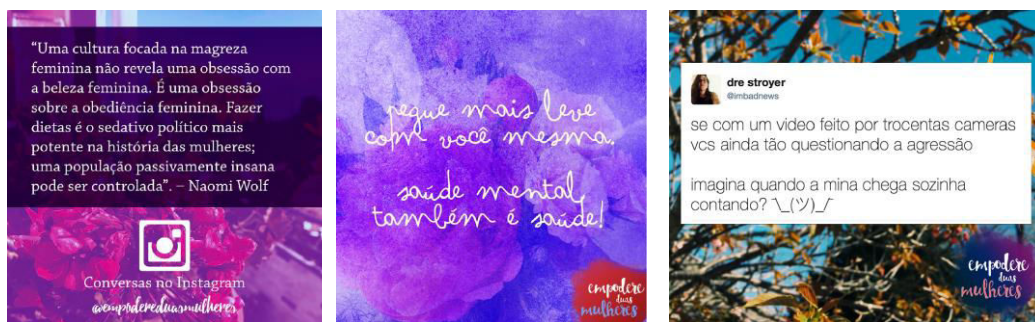
Estas questões são por fim retomadas no livro *O que é a Filosofia?*, em que Deleuze e Guattari (1992) propõem a noção de uma imagem não-representativa, que escape dos clichês já estabelecidos. Tais imagens operariam como linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2012), portadoras de uma ética da desterritorialização. Alinhada com estes autores, Braidotti (2002, p. 09) considera que é preciso renunciar “aos hábitos de pensamento historicamente estabelecidos que, até agora, têm fornecido a visão ‘padrão’ da subjetividade humana” em favor de um nomadismo que opere como desestabilizador de imagens cristalizadas e estereotipadas sobre o feminismo.





Um dos estereótipos mais exaustivamente repetidos a respeito do feminino está ligado a uma relação entre a mulher e uma imagem romantizada da natureza. Este clichê, que ao longo da história da arte tem reclinado corpos femininos nus em paisagens bucólicas, estabelece uma associação entre as mulheres e as flores, os campos e os animais, aproximando o feminino da corporeidade e o afastando da racionalidade, como se estes fossem dois extremos antagônicos. A mulher é ainda determinada pelo viés biológico, que define seu destino (BEAUVOIR, 1980) e é visível nos posts que remetem a flores, tintas transparentes de aquarela e letras desenhadas à mão na página Empodere Duas Mulheres (Figura 1).

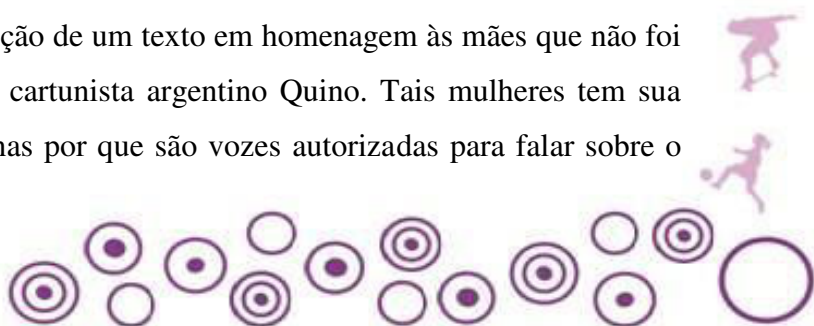
Figura 1: Posts na página Empodere Duas Mulheres (2017).



Fonte: Facebook

Entre as figuras de mulheres que se encontram nas páginas, destaca-se o uso de fotografias e ilustrações que representam personalidades célebres, presentes em cinco dos últimos dez posts analisados da página Feminismo Sem Demagogia – Original (Figura 2). Rosa de Luxemburgo, economista e filósofa marxista, aparece emoldurada pelo símbolo do feminino na imagem de perfil da referida página portando um cartaz onde se lê “Feminismo Sem Demagogia”. A ilustração a coloca como alguém que protesta; sua atitude nos remete a muitas outras mulheres em manifestações. Ela demanda por um “feminismo sem demagogia”, e nos faz pensar que existe um feminismo com demagogia que ela combate. A figura de Rosa remete à lógica binária das dicotomias (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Outras mulheres apresentadas na mesma página são as teóricas e ativistas feministas Bell Hooks, Angela Davis e Alexandra Kollontai, que surgem em montagens que justapõem retratos seus com as citações de seus textos. Já a personagem Mafalda, célebre por seu espírito crítico, empresta sua figura para a exposição de um texto em homenagem às mães que não foi originalmente escrito por seu criador, o cartunista argentino Quino. Tais mulheres tem sua figura apropriada por esta e outras páginas por que são vozes autorizadas para falar sobre o



tema abordado; suas vidas e suas falas (mesmo quando não são suas) transformam-se em modelos de conduta para aquelas que as ouvem, lêem e vêem. Assim colocadas, estas mulheres se convertem em imagens dogmáticas e porta-vozes de uma univocidade (DELEUZE; GUATTARI, 2011) que produz modos de ser.

Figura 2: Posts na página Feminismo sem Demagogia (2017).



Fonte: Facebook

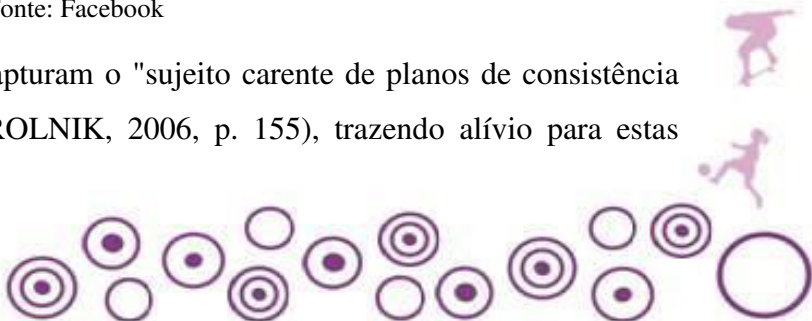
Nenhuma destas figuras femininas, no entanto, se faz tão presente nas páginas aqui discutidas quanto a artista visual mexicana Frida Kahlo, visível em todos os posts da página Não me Kahlo (Figura 3) e em várias imagens das outras páginas mencionadas. O trocadilho “Mesmo SoFrida Jamais me Kahlo” circula em diversos formatos: fotografias de pichações, montagens com fotos da artista, ilustrações, memes e gifs animados. O rosto de Frida aparece em retratos pintados pela própria artista, em fotografias e em desenhos; sua sobrancelha e seu penteado estão na imagem de perfil da página e na assinatura de todos os posts da página. Parece que a vida conturbada e a produção artística de Frida a transformam em uma espécie de ídolo para o feminismo contemporâneo.


Figura 3: Posts na página Não Me Kahlo (2017).



Fonte: Facebook

Cabe pensar que estas páginas capturam o "sujeito carente de planos de consistência para seus afetos desterritorializados" (ROLNIK, 2006, p. 155), trazendo alívio para estas





crises. Desta forma, as imagens que circulam nestas páginas correm o risco de passar de porta-vozes de minorias que atuam no campo micropolítico para a cristalização em formas já estagnadas de identidade.

### **Considerações Finais**

Considerando que os conteúdos produtores de processos de subjetivação dependem de uma série de sistemas maquínicos em que o sujeito se produz a partir de relações entre instâncias individuais e/ou coletivas, as imagens nas quais nos detivemos nesta pesquisa em páginas brasileiras sobre feminismo no Facebook não só dizem das demandas de grupos ativistas, mas produzem modos de ser mulher e feminista continuamente. Pensamos, junto com Braidotti (2002) e Deleuze e Guattari (1992, 2011, 2012), na necessidade de um entendimento descentralizado e multi-dimensionado dos modos de existir como dinâmicos e mutantes, situados em um contexto e passando por transformações constantes.

Pensamos que ao invés de favorecer o aparecimento de subjetividades nômades que desconstruam padrões cristalizados, as imagens vistas servem como clichês que reforçam estereótipos de gênero, ou que estabelecem outros padrões identitários fixos. O que se coloca nestas imagens-clichê é um entendimento do feminismo e da subjetividade enraizados em noções pré-concebidas.

### **Referências**

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. I, II.

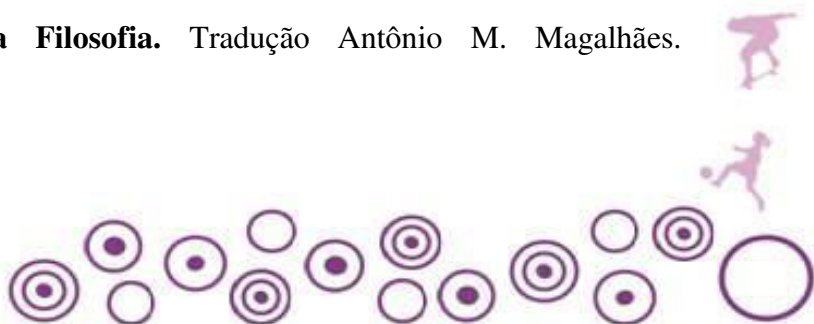
BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory**. New York: Columbia University Press, 1994.


BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. **Labrys, estudos feministas**. Brasília, n. 1-2, jul. /dez. 2002.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento**. Tradução Eloísa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto/Portugal: Rés-Editora, 2001.





DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Tradução Eloísa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**. Tradução Ana Lúcia Oliveira et alii. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3**. Tradução Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Ed. 34, 2012.

GUATTARI, Félix. Da Produção de Subjetividade. In: PARENTE, A. (org.) **Imagem-máquina**. A Era das Tecnologias do Virtual. Tradução Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: 34, 1999.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: Um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**: O Uso dos Prazeres. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel **História da Sexualidade 3**: O Cuidado de Si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 19, p.15-22, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal** - as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

